



A MULHER MAIS
PERIGOSA DA EUROPA

EDDA
MUSSOLINI

CAROLINE MOOREHEAD

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CAROLINE MOOREHEAD

**EDDA
MUSSOLINI**

**A MULHER MAIS
PERIGOSA DA EUROPA**

Tradução

Claudio Carina

Revisão técnica

João Fabio Bertonha

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Caroline Moorehead, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Claudio Carina, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *Edda Mussolini: The most dangerous Woman in Europe*

Preparação: Mariana Geiger
Revisão: Gleice Couto e Valquíria Matioli
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Luciana Facchini
Imagem de capa: Fototeca Gilardi/akg-images/Album/Fotoarena

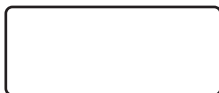
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Moorehad, Caroline
Edda Mussolini : a mulher mais perigosa da Europa / Caroline Moorehad ;
tradução de Claudio Carina. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
432 p. : il.

Bibliografia
ISBN 978-85-422-3320-9
Título original: Edda Mussolini: The most dangerous Woman in Europe

1. Mussolini, Edda, 1910-1995 – Biografia 2. Fascismo I. Título II. Carina, Claudio
25-0683 CDD 920.72

Índice para catálogo sistemático:
1. Mussolini, Edda, 1910-1995 – Biografia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo,
e outras fontes controladas

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

Principais personagens	11
Mapa da Roma fascista	13
Introdução	15

PARTE UM: PRÓLOGO

CAPÍTULO 1 <i>La cavallina matta</i>	23
CAPÍTULO 2 Um país desgovernado e ingovernável.	37
CAPÍTULO 3 Um caminho cheio de armadilhas.	55
CAPÍTULO 4 Os tentáculos de um polvo	75
CAPÍTULO 5 A virago	89
CAPÍTULO 6 <i>La prima signora di Shanghai</i>	103

PARTE DOIS: EPISÓDIOS

CAPÍTULO 7 O culto ao Duce.	125
CAPÍTULO 8 Na corte de Ciano	145
CAPÍTULO 9 Leoas sem juba	159
CAPÍTULO 10 A mulher mais influente da Europa	173
CAPÍTULO 11 Os fascistas em ação	193
CAPÍTULO 12 A morte chega a Roma	215
CAPÍTULO 13 Hesitação	229
CAPÍTULO 14 A espera	249
CAPÍTULO 15 Dançando de festa em festa.	267
CAPÍTULO 16 O complô.	277

PARTE TRÊS: ÊXODO

CAPÍTULO 17	A morte anda pelo telhado	297
CAPÍTULO 18	No que nos tornamos?	317
CAPÍTULO 19	Cumprindo com seu dever	327
CAPÍTULO 20	A namorada de um gângster em fuga	347
CAPÍTULO 21	Edda está de boa vontade	359
CAPÍTULO 22	O ajuste de contas	373
CAPÍTULO 23	<i>L'Aquilaccia</i>	389
Epílogo.		397
Agradecimentos		405
Bibliografia selecionada		407
Notas		417

CRÍTICA

CAPÍTULO I

LA CAVALLINA MATTA

Quando Edda Mussolini era menina, liderando um bando de crianças pequenas pelos terrenos baldios atrás dos altos prédios de apartamentos de Milão, era conhecida como “*la cavallina matta*”, a cavalinha louca. Obstinada, ousada, desdenhosa da autoridade, o apelido ficou com ela. Mesmo nos anos em que o fascismo era servil à família Mussolini, quando falar depreciativamente de qualquer um de seus membros era um convite à investigação policial e a própria Edda se tornara uma jovem desajeitada e caprichosa, os italianos repetiam isso para si mesmos em voz baixa. Segundo eles, Edda nunca foi domesticada, e sua natureza inquieta e estridente a tornava temida. Mas eles não a esqueceram. “Nunca me senti querida”, disse ela no final de sua vida. “Eu não tinha capacidade de agradar. Faltava-me constância em todas as coisas.”¹

Embora Edda tenha nascido em 1º de setembro de 1910, em Forlì, uma pequena cidade na Emilia Romagna, a aldeia vizinha de Predappio foi o verdadeiro berço dos Mussolinis, “nossa Galileia”, como diriam os historiadores fascistas mais tarde, “pois foi lá que começou nossa nova história”. Seus pais nasceram em Predappio: Mussolini em 1883, treze anos depois de Roma se tornar a capital da recém-unificada Itália, e Rachele Guidi em 1890. Emilia Romagna, uma das regiões mais pobres, era uma terra de trabalhadores e meeiros em dívida com o Vaticano e proprietários de terras feudais distantes. Suas aldeias, no sopé dos Apeninos de Romagnola, eram acessadas por trilhas estreitas e rochosas, ladeadas de choupos. O vinho Sangiovese local, produzido em centenas

de pequenos vinhedos ao longo dos vales, era forte e ácido demais para viajar. Era uma paisagem cinzenta e vazia, com ciprestes e fortalezas medievais em ruínas empoleiradas em rochedos, que lembravam a Toscana, porém mais pobre, mais áspera, com cores mais pálidas. Entre os milhares passava o rio Rabbi, correndo rápido no inverno, com uma série de pequenas lagoas no verão, onde as crianças da aldeia brincavam. Poucas delas sabiam ler ou escrever.

Emilia Romagna havia cedido seus homens para a causa de Garibaldi, e mesmo após a unificação continuaram litigiosos, conspiratórios, e anticlericais impacientes por reformas – “*mangiapreti sovversivi*”, anticlericais subversivos. Quase todas as famílias tinham um pai ou marido que passou algum tempo na prisão, sob custódia preventiva ou em prisão domiciliar. A superstição era alimentada pelas bruxas da aldeia. Roma ficava bem ao sul, um lugar de incompetência e domínio estrangeiro. Quando as colheitas fracassavam, as pessoas passavam fome. No ano do nascimento de Edda, muitas centenas de milhares de romagnolos tinham emigrado para a França e a Áustria ou, mais longe, para os Estados Unidos, e pequenas e tristes famílias podiam ser vistas andando pelas estradas e pelas aldeias a caminho da costa.

O avô de Edda, Alessandro, era o ferreiro local, um homem rude de rosto comprido e bigode espesso, que mais tarde na vida passou a beber muito. Era quase totalmente autodidata, com uma paixão ardente pelo anarquismo internacional, e seu jeito belicoso e brigão o levou várias vezes à prisão. Luigi, pai de Alessandro, cumpriu pena em uma prisão papal, quando a Emilia Romagna ainda fazia parte dos estados papais. Como Mussolini diria mais tarde, tendo ele próprio cumprido várias sentenças de prisão, sua linhagem rebelde era impecável, e todo revolucionário que se prezasse deveria ter passado por uma cadeia. Com o tempo, Alessandro tornou-se vereador e vice-prefeito; também formou uma banda de instrumentos de sopro na aldeia.

A avó de Edda, Rosa Maltoni, era professora, uma mulher religiosa e parcimoniosa, com um rosto quadrado e olhos fundos, mas determinada a ponto de fazer os pais a mandarem à escola, a única entre as seis filhas do casal.² Em 1887, formada como professora do ensino básico, foi alocada em Dovia, aldeia-irmã de Predappio, onde a sala de aula, em um palazzo dilapidado, mas ainda bonito, era tão escura que era difícil

ler um livro. Um pequeno vinhedo produzia algumas uvas e havia também três figueiras. O jantar costumava não ser nada mais que uma sopa, rabanetes silvestres e pão. A mãe de Rosa colhia verduras silvestres e as fervia com algumas gotas de azeite.³

Rosa deu à luz Mussolini em 1883; depois vieram Arnaldo em 1885, um garoto tímido que puxou à mãe, e Edvige, que nasceu em 1888. Os garotos dividiam uma cama de ferro nos cômodos em cima do prédio da escola. Conversavam em dialeto, pois o idioma nacional italiano, nascido com a unificação, ainda era desconhecido para muitos romagnolos, e iam para a escola descalços, carregando os sapatos. Sentado nos degraus de sua oficina nas noites de verão, Alessandro lia Marx e Bakunin para os filhos. Guardava uma grande bandeira revolucionária vermelha num buraco no celeiro. Os três filhos tinham os mesmos rostos quadrados, queixos fortes e sobrelanceiras espessas.

Temperamental, obstinado e avesso a qualquer tipo de disciplina, Mussolini ficava um pouco mais rebelde a cada ano, confrontando outros meninos, zombando dos professores. Nunca chorava. Quando tinha 9 anos, seu pai se desesperou e o levou a uma escola ligada à Igreja em Faenza, esperando que isso o subjugasse. Mussolini se sentiu humilhado e odiou tudo: os sermões, as regras, os monges, os meninos ricos que comiam melhor em mesas separadas no refeitório. Os professores notaram que ele gostava de causar medo em outros meninos.

No início do seu segundo ano, foi expulso por esfaquear um menino com um canivete, tendo primeiro sido trancado no escuro com os cachorros e ouvido que sua alma era negra como carvão. Mas os padres salesianos o deixaram terminar o ano: o que ficou claro para eles é que, apesar de toda sua grosseria e desobediência, Mussolini era um menino extraordinariamente inteligente e com uma memória prodigiosa. De lá, foi para o Colégio Giosuè Carducci, em Forlímpopoli. Seus contemporâneos afirmaram mais tarde que ele adorava teatro, espetáculos violentos, sagas épicas. Tocava corneta e cultivava um pequeno bigode. Em janeiro de 1901 morreu Verdi, o último grande herói do *Risorgimento*, e é revelador que Mussolini tenha sido o convidado a fazer um discurso fúnebre no colégio: estava descobrindo a oratória, o poder de deslumbrar o público, usando cadências rítmicas, metáforas inesperadas e uma interpretação apaixonada, e aproveitou a oportunidade para atacar a

classe governante da Itália. Aos 18 anos – um jovem desganhado, com a barba por fazer, violento, não muito alto, olhos negros penetrantes, rosto pálido e uma gravata preta frouxa – saiu da escola com um diploma de professor, mas poucos amigos. Teria deixado escrito na lousa: “A mais nobre vocação do homem é ser um líder”.

Seu primeiro trabalho, como professor substituto, foi em Pieve di Saliceto, a cem quilômetros de Predappio. Mostrou-se muito autocentrado, distraído demais e muito propenso a se irritar para ser um bom professor, e não gostava nem das crianças nem do barulho que elas faziam. No final do ano, seu contrato não foi renovado, mas isso pode ter sido em parte por conta de um caso com a mulher de um soldado ausente. Sexo, cujo primeiro contato foi com uma prostituta quando tinha 16 anos, era uma obsessão; gostava de sexo rápido e casual, uma conquista sem exigências. Roubava dinheiro de Edvige para pagar por sexo.

Em 1902, pediu um pouco de dinheiro emprestado à mãe e resolveu tentar a sorte na Suíça, onde vagou, sem rumo e muitas vezes com fome, conseguindo empregos aqui e ali como garçom, pedreiro, menino de recados e ajudante de açougueiro. Certo dia, quase estrangulou uma turista inglesa ao tentar roubar seu piquenique. Começou a explorar a arte da propaganda e escreveu artigos impetuosos, descobrindo que o jornalismo combinava com seu estilo exortatório.⁴ Em uma conferência socialista, conheceu Angelica Balabanoff, filha de um rico proprietário de terras ucraniano, cinco anos mais velha que ele, que falava seis línguas e era amiga de muitos dos líderes revolucionários da Europa.

Quase todos os emigrados eram pobres e se vestiam de maneira excêntrica, mas o que chamou a atenção de Angelica em Mussolini foi o quanto ele parecia sujo e obviamente faminto, seus ralos cabelos pretos, os olhos pesados e sombreados. Achou que, quando aprendesse mais, certamente perderia seu ego avassalador. Angelica gostou dele, apesar de suas bravatas arrogantes e blasfemas, e o recomendou para o cargo de secretário de uma organização socialista em Trento e editor do seu jornal, *L'Avvenire del Lavoratore*. No mundo tempestuoso e dado a rivalidades da política de esquerda europeia, em que cada facção tinha sua própria claqué, o radicalismo acalorado de Mussolini encontrou muitos ouvintes. Ele gostava de se ver como “*vivere pericolosamente*”, vivendo perigosamente.⁵

Mussolini fugiu do serviço militar na Itália. Foi considerado um desertor e condenado à revelia a um ano de prisão. Mas em 1904, quando o rei Victor Emanuel decretou uma anistia em homenagem a seu novo filho Umberto, Mussolini pôde voltar para casa. Apresentou-se voluntariamente aos militares e estava servindo no 10º regimento Bersaglieri, em Verona – com surpreendente docilidade e espírito de equipe –, quando sua mãe Rosa adoeceu com o que provavelmente era tifo. Parecia estar se recuperando, mas contraiu uma pneumonia e morreu. A morte da mãe perturbou Mussolini profundamente; pelo resto da sua vida, iria se referir a isso como o mais triste dos seus dias.

Mussolini passou os anos seguintes vociferando contra a monarquia e a Igreja, transitando entre a Itália e a Suíça, escrevendo, lecionando, convocando a guerra entre classes, apoiando greves, escrevendo artigos irados para jornais de pequeno porte. A violência, afirmava, era “útil, frutífera e decisiva”; o Vaticano era “um cadáver” e uma “gangue de ladrões”; e os líderes políticos de Roma eram “idiotas, mentirosos, parasitas”. As autoridades o mantinham sob vigília, e quando ia longe demais punham-no na cadeia. Estava sempre amarrotado, com roupas surradas e usando de linguagem abusiva, e no seu tempo livre lia Nietzsche e Sorel, tocava violino e escrevia contos. Raramente saía de casa sem uma faca.

Mussolini estava se mostrando um excelente jornalista. Seu estilo era simples, seu tom raivoso, com uma imaginação selvagem e um talento para concisão e análise. Também não lhe faltavam ironia e humor. Ele voltou para Forlì, onde Alessandro, tendo sido forçado a desistir dos quartos acima da escola em Predappio após a morte de Rosa, agora administrava Il Bersagliere, uma pousada perto da estação ferroviária. Sua nova companheira era Anna Guidi, uma viúva que ficou desamparada com cinco filhas devido à morte prematura do marido. A filha mais nova era Rachele, de 15 anos. A exemplo de Rosa, Rachele lutou muito para conseguir estudar e acabou sendo autorizada a frequentar a mesma escola de Rosa. Reza a tradição familiar que, numa das ocasiões em que Mussolini ocupava o lugar da mãe na sala de aula, notou a menininha loiríssima, de olhos quase turquesa e mãos delicadas, que não parava de fazer perguntas. Voltou a encontrá-la durante uma visita à Suíça,

sentiu-se atraído por seus cachos claros e sua aparência bonita e ousada e pediu que esperasse por ele: disse que voltaria para se casar com ela.

Rachele esperou. O namoro foi breve, um pretendente importuno foi despachado e, diante da considerável desaprovação da família dela, Mussolini levou Rachele para Forlì. Uma das muitas histórias ligadas ao mito da família é que Mussolini, impaciente com a relutância dos pais dela, sacou um revólver e ameaçou matar a todos, a menos que deixassem a filha ir. Rachele já estava grávida. Não se falava em casamento. Na Itália intensamente católica e moralista do início dos anos 1900, foi uma jogada ousada da parte dela. “*Il matto*”, o louco, como os locais o chamavam, não tinha renda e dispunha de poucas perspectivas. O casal levou consigo quatro lençóis, quatro pratos e seis facas, colheres e garfos e andou os cinco quilômetros até Forlì em silêncio, sob forte chuva. Mais tarde, Rachele disse que só teve medo da tempestade e das cobras.

Era janeiro de 1910. A primeira casa de Mussolini e Rachele, dois cômodos mal mobiliados no decaído Palazzo Merenda, com vista para um pátio escuro, e acessados por escadas íngremes. Também era cheia de pulgas. Usavam caixas de frutas como mesa e cadeiras. Como Mussolini tendia a se cortar, Rachele o barbeava. Ele acabara de arranjar um emprego como secretário do Partido Socialista de Forlì e editor do jornal *La Lotta di Classe*. Chamando a si mesmo de “*il vero eretico*”, o verdadeiro herege, Mussolini escrevia pessoalmente muitos dos artigos sobre maçonaria, Vaticano, assassinato político, qualquer coisa que chamasse a sua atenção, enquanto também editava, corrigia provas e organizava as páginas. Era implacável com seu lápis vermelho.⁶ Seus artigos combinavam fervor revolucionário e política socialista, e, apesar de muitos o considerarem um mero agitador político, ele era lido e ouvido.⁷ Nas reuniões, mobilizava o público com sua miscelânea de Hegel, Sorel e os bolcheviques, fundindo teorias aparentemente desconexas em diatribes eletrizantes para provocar a plateia. Sua voz oscilava entre áspera e calorosa, intimidadora e lisonjeira, jogando com os ouvintes, oferecendo algo em que acreditar.⁸ Com suas roupas boêmias e desmazeladas, falando muito depressa, era impossível ignorá-lo.

Sete meses e meio após sua chegada a Forlì, em 1º de setembro de 1910, nasceu Edda. Mussolini já havia decidido que seria uma menina e

o nome Edda pode ter vindo da peça teatral *Hedda Gabler*. Na certidão de nascimento, o nome do pai foi dado como Mussolini, mas o da mãe ficou em branco, pois eles não eram casados. O primeiro ato de Mussolini, como se gabou mais tarde a família, foi gastar metade do seu salário em um belo berço de madeira. A bebê herdou claramente os genes do pai: era esperta e exigente, e o pai se orgulhava da filha vivaz, levando-a consigo a toda parte: para o escritório, para os bares, às suas intermináveis reuniões políticas. O nascimento de Edda pareceu desencadear em Mussolini uma explosão de energia frenética. Rachele, por sua vez, não sendo dada a afeições físicas, achava a filha difícil. Edda era muito inquieta, muito destemida; quando aprendeu a andar, não havia mais paz. Quando a menina se recusava a dormir à noite, Mussolini tocava seu violino para ela, alto e erráticamente. Depois de si mesmo, Edda era a pessoa mais importante da família. “No fundo”, dizia, “não reconheço ninguém superior a mim mesmo.”

A saúde de Alessandro vinha se debilitando.⁹ Ele sofreu um derrame, ficou paralisado e morreu aos 56 anos. Não tinha quase nada de bens materiais para deixar aos filhos, mas, como Mussolini escreveu mais tarde, “de posses espirituais, ele nos deixou um tesouro: ideias”. A mãe de Rachele, Anna, “macia como um bolo doce”, veio morar nos dois cômodos de Forlì. Mussolini costumava chegar tarde e bêbado em casa. Quando Rachele ameaça deixá-lo, levando Edda junto, ele promete parar; e quanto a isso manteve em grande parte sua palavra. Ele dormia muito pouco. Quando as cafeterias fechavam à noite, sentava-se à mesa da cozinha, escrevendo à luz de uma vela. A falta de comida era frequente. Anos depois, quando sua sorte mudou, ele se referiria a Edda como “*la figlia della povertà*”, a filha da pobreza.

No final de setembro de 1911, quando Edda tinha pouco mais de um ano, o governo de Giovanni Giolitti, sem qualquer declaração formal de guerra, despachou tropas para Tripolitânia e Cirenaica – que mais tarde se tornaram a Líbia – alegadamente para proteger os interesses italianos, mas na realidade para substituir a Turquia como país ocupante. Houve protestos por toda a Itália, alguns deles violentos. Um dos manifestantes era um jovem republicano chamado Pietro Nenni, com quem Mussolini foi preso e acusado de incitar a rebelião durante um ataque a um trem que transportava tropas para a costa.

No julgamento, em 18 de novembro, os dois tiveram de pagar multas altíssimas e foram condenados a um ano de prisão, posteriormente reduzida na apelação para cinco meses e meio. Eles passavam os dias juntos, jogando baralho e discutindo política. Mussolini estudou alemão. Sentia falta da filha e do violino. Conseguiu um empréstimo para dar a Rachele, mas o dinheiro foi confiscado e a vida na casa no Palazzo Merenda ficou difícil. Para sustentar a família, Mussolini escrevia artigos para o jornal socialista *La Lotta di Classe*. Foi dito mais tarde que Edda, ainda começando a andar, foi treinada pela mãe para abraçar e se agarrar ao pai para ele enfiar as páginas dobradas de suas colunas no bolso do seu avental para serem contrabandeadas para fora da prisão. Rachele teve um eczema e Mussolini a aconselhou a raspar a cabeça.

Em 1912, o liberal Giolitti já estava no poder durante a maior parte dos últimos vinte anos, à frente de coalizões que tentavam preservar a ordem social existente e isolar os extremistas, tanto da esquerda quanto da direita. O Partido Socialista Italiano, que até então se abstera de se opor a Giolitti, estava agora dividido em três seções: os revolucionários ou maximalistas, que favoreciam a ação militante; os reformistas, que pediam o sufrágio universal e a reforma do Parlamento; e os sindicalistas, que queriam mudanças radicais na economia. Os instintos de Mussolini estavam firmemente com os revolucionários. Ao sair da prisão, em 12 de março de 1912 como uma espécie de herói local e homenageado com um banquete dos socialistas de Forlì, Mussolini compareceu ao 13º Congresso Nacional do Partido Socialista, realizado em Reggio Emilia no início do verão. Da tribuna, protestou contra a democracia parlamentar e exigiu a expulsão dos reformistas brandos e acomodados do partido. Os parlamentares da Itália, declarou, eram charlatões preguiçosos, corruptos e insinceros, uma opinião que reverberava intensamente com o descontentamento da época. Os reformistas acabaram sendo expulsos e partiram para formar uma nova ala mais moderada. De casaco puído e agora usando uma barba espessa, Mussolini era considerado uma estrela em ascensão, um “intelectual transcendente”.

A nova executiva revolucionária do Partido Socialista votou pela expulsão de Claudio Treves, o editor reformista do prestigiado jornal *Avanti*. Depois de alguma hesitação, eles convidaram Mussolini para

ocupar seu lugar. Significava se mudar para Milão. Mussolini foi em frente, deixando Rachele e Edda para virem depois.

Ao assumir o *Avanti*, Mussolini insistiu que Angelica Balabanoff ingressasse no jornal como sua assistente. Independentemente de terem ou não sido amantes, ele tinha aprendido muito com ela; em seus momentos mais afáveis, Mussolini diria que ela havia sido sua “verdadeira professora política” e que continuava a orientar seus pensamentos. Em um dia frio e ventoso de fevereiro de 1913, Rachele apareceu sem avisar no escritório com Edda nos braços, ambas trêmulas e encharcadas. O cabelo de Rachele ainda não tinha crescido completamente e ela parecia uma criança suja.¹⁰ Balabanoff descreveu mais tarde a chegada repentina daquela “mulher de aparência muito humilde”, com uma “garotinha desnutrida e malvestida”, com roupas tão molhadas que pareciam transparentes. Mussolini insistiu em que elas voltassem para Forlì, mas Rachele, cuja vontade por baixo do cabelo loiro e macio também era de ferro, se recusou. Eles encontraram um apartamento no quarto andar da Via Castel Morrone 19, perto da estrada de ferro, que dividiram com Anna. Balabanoff morava na mesma rua, no número 9.

O apartamento tinha um lavabo, mas não um banheiro. Mussolini raramente se lavava e Rachele ia aos banhos públicos, levando Edda e tentando lavar as lôndeas do seu cabelo. O prédio, escuro e em ruínas, tinha três imensas escadarias de pedra e uma série de pátios onde Edda brincava. Os brinquedos eram poucos. Entre os excêntricos e desajustados que ocupavam os apartamentos sombrios, havia uma jovem se preparando para ser freira e um conde falido. Atraído pela ousada Edda, um garotinho montou uma roldana com uma cesta entre os apartamentos vizinhos para lhe mandar presentes.¹¹

Edda estava ficando cada vez mais rebelde e indisciplinada, e Rachele a estapeava e a perseguia pelo apartamento com uma vassoura. Para manter a paz, Mussolini levava a menina para seu escritório, onde ela ficava brincando no chão embaixo da escrivaninha, e ele começou a ensinar as letras, escrevendo com giz nos ladrilhos. Com Rachele tão em segundo plano, circularam rumores de que Edda era na verdade filha de Angelica, nascida quando Mussolini ainda morava na Suíça. Quando a história chegou a Rachele e ela a repetiu para Mussolini, sua resposta

foi mordaz. Disse que Angelica realmente tinha uma “alma nobre e generosa”; mas que, se estivesse numa ilha deserta só com ela e uma macaca como companhia, “eu escolheria a macaca”. Angelica Balabanoff era uma oradora hipnotizante, forte e calorosa, mas tinha o corpo comprido, pernas curtas e uma pequena corcunda. Um de seus rivais observou cruelmente que ela tinha “pouca familiaridade com água”.

Mussolini percebeu que, além do seu carisma político, sua força bruta era muito atraente para as mulheres. Pouco depois de chegar a Milão, foi apresentado a Leda Rafanelli, mulher de um socialista sionista, arabista e romancista de certa fama. Leda organizava saraus e pregava o amor livre. Os dois se encontravam nas tardes de terça-feira para ler Nietzsche e trocavam cartas apaixonadas e exageradas, e em uma delas Mussolini disse: “Eu preciso ser alguém, você me entende? [...] Preciso subir alto”. Mais tarde, Leda o retrataria em um de seus romances como um amante bonito, embora um tanto brutal, com um desejo insaciável de ser admirado.

Uma mulher mais marcadamente importante em sua vida foi Margherita Sarfatti, de uma rica família judia de Veneza, casada com um advogado e mãe de dois filhos. Já um tanto matrona, tinha um rosto redondo, abundantes cabelos ruivos e notáveis olhos verde-acinzentados. Era elegante, culta e usava roupas caras; também era extremamente inteligente, e Mussolini gostava de mulheres inteligentes. Margherita também organizava saraus, e após uma hesitação inicial quanto aos modos rudes e à aparência grosseira de Mussolini, ela começou a apresentá-lo aos luminares que se reuniam na casa dela na elegante Corso Vittorio. Assim como Margherita, os convidados logo ficaram intrigados; a maioria notou os olhos extraordinariamente penetrantes e a expressão séria de Mussolini.

Rachele nunca foi convidada para essas reuniões. Mas sentia prazer com sua relativa prosperidade recente; agora tinha uma empregada e podia mandar Edda para a escola de sapatos. Mussolini comprou um chapéu-coco e começou a frequentar os cafés da Galleria de Milão, onde jornalistas e artistas manifestavam suas opiniões. Às vezes Edda ia com ele. Sede de muitas revistas literárias e culturais e de escritores e editores militantes de esquerda, Milão orgulhava-se de seu espírito reformista e politicamente inquisitivo desde a unificação.

Edda tinha agora 3 anos e começou a ter aulas de violino. Quando tocava, ficava muito parecida com o pai, franzindo os lábios, projetando a mandíbula, as bochechas proeminentes no rosto forte. Às vezes os dois tocavam juntos. Para ganhar a atenção do pai quase sempre ausente, ela procurava maneiras de desafiá-lo. Certo dia, quando se recusou a tomar um remédio, o pai a esbofeteou e Edda retribuiu o bofetão. Algo que se lembraria mais tarde foi do dia em que o pai percebeu que ela tinha pavor de sapos. Mussolini foi até o charco, pegou um sapo e pôs nas mãos dela, insistindo para que o segurasse. Ninguém, disse a Edda, especialmente nenhum Mussolini, tinha permissão para sentir medo. E ela também não tinha permissão para chorar.

O que Edda também lembraria eram os duelos. O quanto eram reais, o quanto potencialmente letais, é impossível saber, pois eles também ocupam um lugar na tradição familiar. Dizia-se que Mussolini tinha uma camisa especial, com uma manga cortada, a do braço que usava nos duelos. Às vezes voltava para casa com ferimentos de arma de fogo ou de espada, nenhum deles muito grave. Mussolini lutou contra seu antecessor no *Avanti*, Claudio Treves, chamando-o de coelho “nauseabundo” e “velhinha”, e voltou desse duelo com a cabeça coberta de sangue e um pedaço da orelha arrancado. Seu estilo não era o de se esquivar e estocar, mas sim fazer estocadas espetaculares e impulsivas. Travados clandestinamente nos parques de Milão, em clareiras e cemitérios, nenhum duelo terminava em morte. Ao voltar para casa vitorioso, pedia para Rachele fazer espaguete em vez do habitual tagliatelle. Para Edda, espaguete tornou-se a refeição dos duelos. Rachele, que guardou os pertences de Mussolini, insistiu em manter suas camisas ensanguentadas e até mesmo os estilhaços de tiros de seus ferimentos.

A discórdia política em toda a Itália estava tomando a forma de greves, manifestações e brigas nas ruas. Escrevendo sozinho a maior parte do *Avanti*, Mussolini insuflou fogo revolucionário no movimento socialista e aumentou a circulação do jornal em um ritmo impressionante.¹² O nome “Duce” já havia sido mencionado antes, talvez com ironia. Agora começava a pegar. No congresso dos socialistas de Ancona, em abril de 1914, a energia irreprímível de Mussolini fortaleceu sua posição política. Os italianos insatisfeitos estavam em busca de um líder.

Então, em 28 de junho, o arquiduque Ferdinando e sua mulher foram assassinados em Sarajevo. A Áustria declarou guerra à Sérvia, que tinha relações com a Rússia, a Grã-Bretanha e a França. A posição da Itália era complicada. Aliada da Áustria pelos últimos trinta e dois anos e membro da Tríplice Aliança com a Alemanha, também mantinha relações de amizade com a França e a Grã-Bretanha. No entanto, a Áustria mantinha as “*terre irredente*” da cidade itálica de Trento e Trieste, com sua grande etnia italiana, cuja retomada era considerada por muitos como um negócio inacabado do *Risorgimento*. Cortejada por ambos os lados, momentaneamente a Itália escolheu a neutralidade, uma decisão endossada apaixonadamente por Mussolini e pelos socialistas, bem como pelo rei, pela maioria do exército, boa parte do Parlamento e pelo novo papa, Benedito XV, que se recusou a sancionar aquela guerra como “justa”.¹³

Nem todos concordavam com essas opiniões. Nacionalistas e futuristas fizeram estridentes apelos à ação, junto com vários intelectuais que imaginavam que a guerra abolisse uma classe governante que muitos agora viam como disfuncional e trouxesse em seu rastro uma Itália mais justa e saudável. Ao ouvi-los, as opiniões de Mussolini começaram a mudar. Começou a assinar seus artigos como “*L’homme qui cherche*”, o homem que busca. Em setembro, começou a se referir à neutralidade como retrógrada e fraca. Será que a Itália, perguntou, queria realmente ser “uma espectadora inerte desse grande drama”? Dentro dos círculos socialistas pacifistas, houve fúria contra sua rejeição à linha partidária. Mais duelos foram travados; a adulação logo se transformou em ódio. Exonerado do *Avanti*, Mussolini procurou uma vazão para o seu recém-descoberto militarismo e a encontrou quando patrocinadores o ajudaram a criar um novo jornal, *Il Popolo d’Italia*, no qual passou a apregoar ferozmente em favor da guerra e da revolução social. A neutralidade, disse à irmã Edvige, “fará com que todos morramos de fome e vergonha”.¹⁴ Quando ia a jornaleiros para ver como seu jornal estava vendendo, levava Edda com ele. “Cada nova criação, cada passo à frente, é marcado por sangue”, declarou em um comício. Mussolini agora mantinha um revólver em sua mesa e empregava dois guarda-costas.¹⁵ Por volta dessa época, Rachele fez uma visita à casa deles em Predappio e foi expulsa da aldeia, acusada de ser esposa de um traidor do socialismo.

A mudança de Mussolini já havia afastado Angelica Balabanoff, que permaneceu firmemente contrária à guerra e desdenhosa de sua “infame” traição à neutralidade. Anos depois, escreveu que, sem ela, Mussolini teria continuado “um arrivista insignificante [...] um socialista de domingo”; e que havia se tornado nada mais que um fanfarrão covarde, hipócrita, vulgar, desonesto e um judas. Edda não lamentou vê-la partir. Ela odiava a maneira como Angelica a acariciava com ternura no escritório e murmurando: “*Che bella bambina, che bella bambina*”.

A essa altura, Mussolini já tinha arranjado uma nova amante. Ida Irene Dalser era austro-húngara, com uma covinha no queixo e cabelos espessos e brilhantes, e em 1914 dirigia um “salão oriental de higiene e beleza” em Milão. Também era um tanto instável. Conheceu Mussolini brevemente quando os dois estavam em Trento, mas agora procurou a redação do *Il Popolo d'Italia* para publicar um anúncio do seu negócio. Os dois se tornaram amantes. Na desordem tumultuada de sua vida, Mussolini a via como calma e ordeira. Quando precisou de mais dinheiro para *Il Popolo*, Ida vendeu seu apartamento e o salão de beleza e deu tudo para ele. Mas o relacionamento logo azedou, e Ida começou a aparecer na redação e fazer cenas. Mussolini conseguiu dinheiro para instalá-la em um pequeno apartamento. Ela chamava a si mesma de Signora Mussolini.

Como Rachele descreveu mais tarde, certo dia, quando Mussolini estava em Gênova tentando arrecadar dinheiro para sua campanha, alguém bateu à porta.¹⁶ Do lado de fora estava “uma signora feia, muito mais velha que eu, magra e cadavérica e fazendo gestos espalhafatosos”. A visitante se recusou a dar seu nome, mas, andando pela sala, começou a questionar Rachele sobre seu marido. Virando-se para Edda, ela perguntou se o pai dela amava sua mãe. Quando Mussolini voltou, Rachele perguntou quem era a mulher. Uma austríaca, ele respondeu, uma histérica, com quem tivera um breve caso em Trento e que agora o perseguia. Edda já estava se acostumando com brigas por ciúme; mas também estava aprendendo a lição de que não se pode esperar fidelidade de grandes homens.

Pouco a pouco, muitos dos italianos que inicialmente apoiaram a neutralidade começavam a se voltar para a intervenção. De varandas e das praças lotadas da cidade, o poeta, panfletário, romancista e

mulherengo Gabriele D'Annunzio pregava a guerra, a “beleza da triunfante Itália” e a grandeza de *la patria*, a nação italiana. A guerra era o futuro, um mal necessário para despertar os sonolentos e desordenados italianos. Em abril de 1915, à Itália foram prometidos não apenas Trieste e Trentino, mas também o sul do Tirol, parte da Dalmácia, um pouco da Albânia e ilhas no leste do Adriático em troca de se aliar aos Aliados e assinou um tratado secreto em Londres.¹⁷ Em troca, a Itália declarou guerra à Áustria, mesmo que no Parlamento os intervencionistas continuassem em minoria. Já houvera tempo suficiente para ver a carnificina causada pelas metralhadoras, e os líderes da Itália sabiam perfeitamente que o país carecia de armas e de bons oficiais; mas esses pensamentos foram postos de lado.

Em setembro de 1914, com 32 anos e já um pouco velho para a guerra, Mussolini deixou a família para se juntar aos Bersaglieris na linha de frente em Monte Nero. “É por isso que estamos lutando hoje na Europa”, escreveu em um de seus primeiros artigos enviados ao *Il Popolo d'Italia*. “Uma guerra que é ao mesmo tempo uma grande revolução.”

CRÍTICA